CRITICALIDADE E OPERATIVIDADE*

Andrew Leach**

Resumo

O debate atual acerca das dimensões críticas da arquitetura tende a avançar em duas leituras básicas: a de que na cultura arquitetônica todas as práticas podem ser ou são críticas; ou a de que ingressamos em um momento de desdém perante as contribuições da teoria crítica ao saber arquitetônico. Esta última tendência é informada pela própria teoria crítica, agora rebatizada de 'pós-crítica' de modo a deixar clara a sua reivindicação de que a obra arquitetônica protagonize a reflexão teórica.¹ Nesse amplo debate, principalmente norte-americano, entre gerações a obra de Manfredo Tafuri (1935-94) voltou ao centro das discussões, sendo aqui analisada e criticada.

Abstract

The present debate on the critical dimensions of architecture is prone to progress according to the following proposals: that in architectural culture all practices may be or are critical; or that the moment is of disdain in regard to the contributions of the critical theory to the architectural knowledge. The last tendency is informed by the critical theory itself, now re-baptized as 'pos-critical' in order to ascertain its requirement that the architectural work is the main player of the theoretical thought. In this mainly American wide discussion between generations, the work of Manfredo Tafuri (1935-94) came back as a central issue and is analysed and criticized in this paper.

* Andrew Leach. "Criticality and operativity". In Rendell, J., Hill, J., Fraser, M. e Dorrian, M. (orgs.) - *Critical Architecture*. New York: Routledge, 2007, pp. 14-21. Tradução: José Lira.

** Doutor pela Universidade de Ghent e Professor da Escola de Arquitetura da Universidade de Queensland, Australia.

1. Cf., Macarthur, J. and N. Stead. 'The Judge is Not an Operator: Historiography, Criticality and Architectural Criticism', *Oase* 69, 2006, pp. 116-39.

2. Idem.

O debate atual acerca das dimensões críticas da arquitetura tende a avançar em duas leituras básicas: a de que na cultura arquitetônica todas as práticas *podem* ser ou *são* críticas; ou a de que ingressamos em um momento de desdém perante as contribuições da teoria crítica ao saber arquitetônico. Esta última tendência é informada pela própria teoria crítica, agora rebatizada de 'pós-crítica' de modo a deixar clara a sua reivindicação de que a obra arquitetônica protagonize a reflexão teórica.² Nesse amplo debate, principalmente norte-americano entre gerações, a obra de Manfredo Tafuri (1935-94) voltou ao centro das discussões.

E com importância renovada. Conduzida ao longo de três décadas, a eterna pergunta por ele levantada acerca das divisões da cultura arquitetônica de fato corresponde a uma das investigações mais incisivas dos 'problemas' relativos à composição institucional da arquitetura. Essas questões voltaram à tona à medida que *Grey Room* assumiu a herança de *Assemblage* e *Oppositions*, e as trocas acadêmicas entre gerações nas páginas da *Harvard Design Magazine* e da *Perspecta*, ao lado dos Novos Pragmáticos, passaram a refinar publicamente os termos da teoria da arquitetura em nome da própria arquitetura.

Apesar de os escritos de Tafuri quase sempre desapontarem o grande público, com seu marxismo enjoativo, seus leitores mais recentes mundo afora agarraram com toda a força as possibilidades oferecidas por seu trabalho ao tipo de teoria da arquitetura que emergiu nos anos 1960. E de tal modo, que sua reflexão acerca de crítica, teoria, história e pesquisa passou a impregnar os nossos conceitos de cultura arquitetônica, assim como todos os demais campos específicos aos quais o seu trabalho se remete.

A quarta monografia de Tafuri, *Teorie e storia dell'architettura* (1968), aborda um campo histórico de relações intelectuais da arquitetura com o conhecimento do passado, e o impacto dessas articulações sobre a capacidade crítica e autocrítica da arquitetura.³ O livro localiza as fundações institucionais da disciplina na Toscana pós-feudal, um cenário que promove a intelectualização da prática arquitetônica e de suas bases históricas. Postula, por outro lado, que os trabalhos da teoria arquitetônica – dimensões intelectuais que se tornaram inseparáveis da arquitetura como uma prática da construção ou da engenharia – ou da ideologia da arquitetura, para evocarmos sua história tal como descrita em *L'Architettura dell'Umanesimo* (1969), engendram uma distinção operacional entre a arquitetura e os seus vários contextos.⁴ Nesse momento e lugar precisos, e desde então, a arquitetura e seus intelectuais passam a investir fortemente no passado como fonte de valores ou como repositório de precedentes formais e arquitetônicos.

No livro, Tafuri sugere, por exemplo, que em Florença a nova cidade-Estado teria buscado ultrapassar o passado imediato oferecendo uma Antiguidade Romana idealizada como padrão cultural para os Medicis e seus artistas. Nessas condições, a arquitetura teria negado o contexto no qual existia, definindo-o como irrelevante ou como algo que deveria ser ultrapassado. Deixando de ver-se como parte da cidade medieval, ela teria projetado os valores de um passado inexistente apoiando-se na diferenciação

intelectual que a distinguia daquilo que ela não era.

Dessa diferenciação, que se submete às imagens homogêneas ideais da vida passada, emerge o tratado teórico de arquitetura como uma investigação intelectual projetiva que delimita e defende, de tempos em tempos, as fronteiras da arte e da técnica da arquitetura. Como tal, o foco da teoria da arquitetura, necessariamente voltado para o futuro e dependente de uma relação ideológica estrutural entre passado e futuro, introduz a história na cultura arquitetônica como um 'problema'. Para Tafuri, esse problema constitui o próprio campo do historiador da arquitetura, cujo interesse é a relação entre passado e presente e, por extensão, a disponibilidade do passado como representação para o arquiteto no presente, e por conseguinte, no futuro.

Repondo mais claramente essa ideia em termos temporais: a prática da arquitetura não diz respeito ao presente perpétuo, mas à projeção futura desse presente no fazer do arquiteto. As dimensões intelectuais dessa relação entre presente e futuro, que podem ser encontradas na prática arquitetônica, desafiam e redefinem constantemente a arquitetura sob o aspecto de arte. Tafuri percebe que a arquitetura, sendo 'projeto', é praticada como algo que corresponde a um futuro intelectualizado, isto é, que concebe ao mesmo tempo um mundo por vir e o lugar da arquitetura-como-arte no seu interior. Em outras palavras, a prática arquitetônica ocupa o espaço teórico entre o presente, no qual o futuro é concebido, e o futuro ele mesmo. A passagem do tempo controla a redução do intervalo entre presente e futuro, através do qual o futuro projetivo *torna-se* presente. No entanto, esse intervalo possibilita a introdução de uma série de complicações. Complicações abstratas ou práticas que transformam a pureza intelectual do projeto em uma obra de arquitetura acabada, mas também comprometida.

Por outro lado, a depender do grau de intelectualização da 'obra acabada', as limitações do projeto são múltiplas e incluem códigos de

3. Tafuri, M. *Teorie e storia dell'architettura*, Bari: Laterza, 1968, rev. eds 1970, 1973, 1976, 1980.

4. Tafuri, M. *L'Architettura dell'Umanesimo*, Bari: Laterza, 1969, esp. 'Architettura e ideologia'. Um uso mais adequado do termo encontra-se em 'Per una critica dell'ideologia architettonica', in *Contropiano* 1, 1969, pp. 31-79.

construção, tecnologias e meios de comunicação, formas de representação, exposição pública, pressões da clientela e vicissitudes institucionais. Muitos são os que defendem que tais constrangimentos ajudam a refinar o esquema 'original'. Não obstante, o que designamos por 'obra acabada' corresponde à noção de documentação do projeto, tal qual descrita por Boris Groys. Em *The Loneliness of the Project* (2002), o documento aparece como aquilo que permite penetrar no cerne do projeto, o que (tal como para Tafuri) é uma construção intelectual idealizada, que se situa entre o presente e o futuro. A documentação é um traço, próximo ou distante, das intenções do projeto, mas é algo comprometido e, em última instância, distinto do projeto ele mesmo. Groys sugere que as deformações sofridas pelo projeto no seu encontro com a realidade corresponde ao confronto entre uma agenda utópica e o seu presente, a um instante 'traumático' no qual a distância entre o presente e qualquer futuro concebível desaparece.⁵

Podemos entender a aparente afirmação de Tafuri acerca da 'morte' da arquitetura ou sua 'crise' (ou a dele), como uma análise histórica da rejeição recente desse mecanismo intelectual por parte da arquitetura. Se a crise teria surgido com o movimento moderno, ela pode também ser encontrada no Renascimento. No entanto, para ele, o que Alberti, Brunelleschi e outros ofereceram conscientemente em termos de arquitetura-como-arte, o movimento moderno teria suprimido.

Sabe-se da acusação lançada por Tafuri contra os historiadores do movimento moderno (Siegfried Giedion, Nikolaus Pevsner, Bruno Zevi, Paolo Portoghesi), por eles terem preservado o forte investimento na arquitetura do futuro. Apresentados em conjunto como 'historiadores instrumentais', que praticavam uma 'crítica operativa', disfarçavam-se de historiadores utilizando-se dos meios da história para prolongar sua prática arquitetônica. Assim como os próprios arquitetos do movimento moderno, eles antecipavam a utopia, perseguindo-a ativamente

no futuro. Um dos pontos do argumento de Tafuri curiosamente se relaciona com a pertinência dos meios utilizados por arquitetos e historiadores. Seus [críticos] operativos não projetavam edifícios nem planejavam cidades, mas legitimavam – com sua falsa autoridade – aquelas visões com as quais concordavam, demonstrando a plena realização nelas de um percurso histórico. Tafuri postula que esse procedimento transmite uma mensagem enganosa aos leitores de Giedion ou de Portoghesi.

A historiografia operativa, em certo sentido, aproximava-se de sua primeira manifestação na cultura arquitetônica: negava tudo aquilo que escapava às fronteiras reivindicadas pela teoria da arquitetura e concedia poder às obras e personagens que os intelectuais da arquitetura julgavam representativos da arquitetura. Ao invés de comportar uma dimensão crítica na cultura arquitetônica, por meio da qual a arquitetura poderia integrar trocas dialéticas com seus vários contextos, ele observa que a cultura arquitetônica apenas estimulava uma resposta crítica àquilo que estava ao seu redor, ao mesmo tempo que o negava. Ao invés de provocar os agentes intelectuais da arquitetura em um discurso crítico, os historiadores montavam o problema.

Para Tafuri, isso requeria uma nova forma de ação crítica contra a teoria da arquitetura. A historiografia instrumental, elaborada a partir da intelectualização projetiva da arquitetura, seria objeto de um escrutínio sem precedentes. A arquitetura seria novamente responsável pelo mundo para além do presente que construía para si mesma. Também o seu passado viria a se libertar dos limites historiográficos impostos a ele por um presente deslocado da realidade. Desse modo, apenas um novo tipo de historiador seria capaz de introduzir um encontro sem mediações com a heterogeneidade do conhecimento histórico, minando as histórias homogêneas ou ideológicas de autorização e legitimação da projeção arquitetônica.

Em *Teorie e storia*, Tafuri reconstitui a tradição da crítica operativa desde as *Vite* de Bellori (1672) até o *Michelangiolo*, de Portoghesi (1964).⁶ A sua evolução parece de certo modo

5. Groys, B. *The Loneliness of the Project*. Antwerp: MuHKA, 2002.

6. Bellori, G. P. *Le Vite de' pittori, scultori et architetti moderni*, 1672. Bologna: Forni, 1977; Portoghesi, P. and B. Zevi (eds.). *Michelangiolo architetto*. Turin: Einaudi, 1964.

ingênua, e quanto a seu público e objetivos institucionais, por si e em si instrumentais. Deixando isso de lado, a base da crítica de Tafuri é simples: aqueles historiadores teriam deixado uma herança problemática para o presente ao se valerem dos meios da história – livros, artigos, conferências – para exercerem a prática de modo projetivo. O *Space, Time and Architecture* (1941), de Giedion, é indiscutivelmente um trabalho de historiador.⁷ No entanto, ele é produzido no interior das fronteiras teóricas do ‘saber arquitetônico’ e inequivocamente se submete aos limites fixados pela teoria modernista da arquitetura. Para Tafuri, alguém que se supõe um historiador trataria a teoria da arquitetura como um alvo, trabalhando para minar o acesso fácil do passado às dimensões programáticas da prática arquitetônica. Os críticos instrumentais, por outro lado, colocam abertamente o passado como um longo prefácio ao presente, como um caminho que conduz ao passado e ao futuro e ao longo do qual os valores do passado e do futuro são modelados pelo presente. Dirigindo a prática arquitetônica em um sentido temporal, eles representam o passado no presente de modo a projetar um futuro por eles mesmos elaborado e que eles procuram vigorosamente implementar. A defesa fervorosa do expressionismo moderno por Zevi e Portoghesi, e sua deferência ao maneirismo e ao barroco constituem do mesmo modo um projeto: ao trazerem o passado ao presente, exigem algo do futuro. O argumento implícito de Tafuri é que tais exemplos historiográficos não deveriam ser considerados como tais. O seu ponto é que o novo papel a ser cumprido pelo historiador na cultura arquitetônica é o de solapar essa relação com o futuro, agir contra o projeto arquitetônico.

‘La crítica operativa’ de Tafuri não denuncia genericamente a tendência da cultura arquitetônica à operatividade. Sugere, aliás, vários exemplos de uma prática operativa ‘adequada’: formas de análise que não se pretendem, nem por seu conteúdo nem por seus meios, justificar em bases históricas os caminhos tomados pela prática arquitetônica, mas que no entanto

assumem uma postura mais nuançada no enfrentamento da história como uma dimensão do presente.⁸ Em forma escrita, são admissíveis as formas de ação descaradamente instrumentais: o tratado, o debate aberto, o manifesto. No entanto, Tafuri sugere que uma descrição instrumental da história da arquitetura pode se servir melhor de análises visuais do presente: justaposições, fotomontagem, manipulação de técnicas fotográficas e de reprodução. Daí a necessidade de distinguir entre história como representação do passado e história como permanência do passado no presente. Esta última seria o domínio peculiar de uma tal prática visual.

A tradução da fotografia de arquitetura de documento (ainda que armado), em descrição crítica na produção editorial e arquitetônica do coletivo Archigram (1961-1974) e na revista *Carré bleu* (de 1958), oferecem estratégias analíticas que informam diretamente o futuro sem sugerir uma relação causal entre passado e futuro. Por mais que, para Tafuri, nenhum dos dois casos conduza tal princípio até o limite.⁹ Do mesmo modo, a abordagem tipológica ao contesto urbano-histórico na prática de arquitetos como Vittorio Gregotti, Carlo Aymonino, Alison e Peter Smithson, ou na metodologia do ‘Buchanan Report’ (1963), trabalha com a história como um elemento de um presente complexo e heterogêneo, grau complicado a partir do qual o projeto arquitetônico se constrói.¹⁰ Ele chama essa tendência de ‘crítica tipológica’, posto que tais arquitetos recorrem ao passado como algo *disponível* a partir de uma taxonomia de tipos explicitamente relacionada ao mundo da recepção e não da produção da história. Ela pratica uma crítica do presente, encontrando as razões do projeto explicitamente no presente (do qual a história é parte), e não em uma visão distorcida do passado.¹¹ Tais práticas não se pretendem um conhecimento inoperativo do passado, mas a sua crítica da história, tal como ela se manifesta no projeto, trata a história tal como ela é recebida no presente, e não como algo que se produz simplesmente para si.

7. Giedion, S. *Space, time and architecture: The growth of a new tradition*. Cambridge: Harvard University, 1941.

8. Cf. Luca, M. (ed.). *La critica operativa e l'architettura*. Milão: Unicopli, 2002. Esp. Daniel Sherer in *Un colloquio "inquietante": Manfredo Tafuri e la critica operativa, 1968-1980*, pp. 108-120.

9. Tafuri, M. - *Teorie e storia*, pp. 188-190. Ele envolve as suas próprias experiências com montagem e fotografia crítica. Ver Tafuri, M., G. Piccinato e V. Quilici - 'La città territorio. Verso una nuova dimensione', *Casabella-continuità* 270, 1962, pp.16-25.

10. Buchanan, C. - 'Traffic in Towns'. Londres: HMSO, 1963. Tafuri, M. - *Teorie e storia*, p. 190.

11. Tafuri, M. *Teorie e storia*, pp. 190-6.

Em outras palavras, Tafuri indica a possibilidade de uma compreensão arquitetônica da história que aceita a função representativa da historiografia. Concorda que a história não é a mesma coisa que o passado, e que a escrita do historiador é, na melhor das hipóteses, apenas uma aproximação que incorpora a função representativa da historiografia. (Esse último ponto, aliás, está no cerne da admiração de Tafuri por Carlo Scarpa, cuja aceitação dos acúmulos heterogêneos de passados, tal como se manifestam no presente, corresponde à de Tafuri, ainda que ele faça 'usos' distintos desse conhecimento.¹²)

A história instrumental parece oferecer aos rumos tomados pela arquitetura no presente e no futuro imediato uma lógica historicamente enraizada. Nesse sentido, ela postula que a história é a mesma coisa que o passado: de uma história que fornece um relato verdadeiro do passado, o presente retira as suas lições. Tafuri demonstra que no âmbito da cultura arquitetônica, ou bem se pode permanecer no presente olhando ao mesmo tempo para o passado e o futuro (o operativo), ou bem olhar para o passado a partir do presente, de modo a comunicar o passado para o presente (o crítico). Enquanto a primeira prática julga o presente, a última pretende manter um conhecimento do passado em seus próprios termos, sem forçar sua atualidade. O que Tafuri e outros chamam, no prefácio de *La città americana* (1973), uma 'prática histórico-crítica', refere-se ao passado distante como algo que se pode analisar no presente sem que seja necessário forçar uma 'resolução' ou uma reconciliação com o presente.¹³ Confrontando ao mesmo tempo os valores do passado e do presente, essa prática vai em busca – por meio do refinamento constante de suas ferramentas no confronto com os seus materiais – de um modo de representação que torne transparentes tais valores e os valores da historiografia. O seu alvo é a insularidade ideológica que se propaga ao se avaliar o saber arquitetônico unicamente no confronto com a teoria da arquitetura.

O obstáculo que Tafuri encontra é, no entanto, que essa figura do historiador não existe

de fato, exceto como uma réplica de Tafuri, ele mesmo uma institucionalização de todas as suas especificidades biográficas e contextuais. Todavia, seu *Istituto di storia dell'architettura* veneziano não despachou na cultura arquitetônica exércitos de historiadores como ele, nem arquitetos educados em uma compreensão mais nuançada da história, capaz de distingui-los de seus pares formados em outras escolas. De modo a tomar a teoria (vista como qualquer forma de insularidade intelectual ou ideológica) como um alvo, o historiador deve se colocar fora dos limites da teoria arquitetônica, para além do próprio sistema de valores internamente construído pela arquitetura. E ainda assim eles devem conhecer (tecnicamente, metodologicamente) tanto quanto o arquiteto, de forma a envolver o arquiteto em uma troca dialética. Os estudantes do seminário de Tafuri, 'Storia dell'architettura 2a', se formariam arquitetos, assim como ele próprio, e não como historiadores com uma especialização em arquitetura (ainda que alguns deles tenham chegado a se tornar historiadores como Tafuri). Pode-se supor que Tafuri esperava que a posição de seu *Istituto*, na estrutura maior do *Istituto universitario di architettura di Venezia*, viria a estimular a sua aposta disciplinar: ocupando uma posição no interior da cultura arquitetônica, porém 'para além' da ideologia arquitetônica, senão para além, digamos, das ideologias disciplinares da história.

Em outras palavras, devemos aceitar os argumentos de Tafuri em favor de uma nova postura do historiador na cultura arquitetônica como uma abstração, cuja demonstração é a própria escrita histórica de Tafuri e as histórias produzidas por membros de seu círculo intelectual imediato. O que fica é uma teoria projetiva da organização do saber na cultura arquitetônica que se coloca como solução para os problemas institucionais que ela concebe. No entanto, permanece a teoria em seu sentido prescritivo: uma imagem em direção à qual Tafuri conscientemente trabalhou no recesso de seu ambiente institucional e cultural imediato. Apesar da historiografia de Tafuri ser, portanto,

12. Tafuri, M. - *Storia dell'architettura italiana, 1944-1985*. Turim: Einaudi, 1986. Especialmente o capítulo 6, 'Due "maestri": Carlo Scarpa e Giuseppe Samonà', pp. 139-143.

13. Ciucci, G., F. Dal Co, M. Manieri-Elia and M. Tafuri - *La città americana dalla guerra civile al New Deal*. Bari: Laterza, 1973, v-xi.

altamente operativa do ponto de vista da discussão interna acerca dos limites disciplinares da história da arquitetura, sua leitura instrumental da cultura arquitetônica, como formada de ramos operativos e críticos, dispõe claramente a função das diferentes atividades dentro da cultura arquitetônica, ou ainda, dentro e além da arquitetura como prática artística intelectualmente definida.

Em tais circunstâncias, a pesquisa histórica possui uma dimensão ética. Ao estabelecer a apresentação dos campos de evidência contemporâneos e heterogêneos do passado, em oposição dialética às narrativas homogêneas do saber histórico de modo a se fazer útil ao presente, Tafuri identifica a necessidade de os historiadores minarem a utilidade da história na solução dos problemas arquitetônicos e teóricos do presente. Suas experiências com as formas e estruturas da 'documentação histórica' explicam a tendência de seus últimos trabalhos a ultrapassar a narrativa em direção à apresentação dos arquivos, documentos e artefatos. É compreensível talvez que os livros que preenchem de modo mais efetivo esse critério tenham tido tão pouco impacto no pensamento arquitetônico. Poucos são ainda os teóricos da arquitetura que trabalham com *Venezia e il rinascimento* (1985), *Storia dell'architettura italiana 1944-1985* (1986) ou *Giulio Romano* (1989), em relação aos que continuam a se envolver com as histórias mais 'teóricas' de Tafuri, como *Progetto e utopia* (1973), *La città americana* ou *Architettura contemporanea* (1976).¹⁴ Faz sentido constatar que quanto mais Tafuri refinava o seu método de exposição da pesquisa histórica de um modo tal que a utilidade da narrativa histórica era minada, menos o discurso arquitetônico percebia a relevância de seu trabalho para o debate contemporâneo. Esse processo é hoje visto de modo simplista, quase retórico, como uma retirada por parte de Tafuri em relação às questões do presente. O fracasso de sua teoria disciplinar em se deixar traduzir em uma forma da prática seguindo-se ao fracasso, em dar conta das complicadas dualidades que fazem com que muitas das decisões

historiográficas ou arquitetônicas sejam ao mesmo tempo críticas e operativas.

O caso de Alberti, para dar um exemplo, guia o autor desde *Teorie e storia dell'architettura* até a *Ricerca del rinascimento* (1992).¹⁵ Entre um livro e outro, a nova erudição acerca de Alberti implodiu inteiramente a imagem simplista com que Tafuri, ele mesmo, seguindo os passos de Burckhardt em *L'Architettura dell'Umanesimo*, o havia retratado como um ideólogo, cuja agudeza mental lhe permitira atuar intelectualmente no sentido de assegurar a autonomia artística da arquitetura. Tal imagem seria substancialmente questionada pela apresentação de Franco Borsi à *œuvre* albertiana (1973). Tafuri registrou sua surpresa com o Alberti de Borsi em 'Discordant Harmony' (1979), reconhecendo a complexidade e cumplicidade da 'ideologia' de Alberti, que ele então concebeu como uma subscrição irônica aos ideais artísticos da Cidade-Estado, e não tanto como uma crença sincera no homem do humanismo.¹⁶

A luta em Alberti entre a manutenção da ideologia e sua desconstrução, ou (de modo mais arquitetônico) em Piranesi, entre a imagem e sua perturbação, corresponde à dialética colocada por Tafuri como uma condição básica da pesquisa histórica: evidência versus narrativa, passado versus história. Como - pergunta ele em sua última monografia - podemos praticar a história sem expô-la a todos os 'riscos' implicados em sua recepção? Não haverá uma questão fundamentalmente disciplinar que diz respeito à pesquisa, ela mesma, e não tanto à sua apresentação ou plausibilidade? A problematização da pesquisa histórica e sua publicização no campo da cultura arquitetônica nos reenvia à distinção entre práticas operativas e críticas. As intenções têm muito pouco a ver com a maneira como um público arquitetônico consome, quando consome a pesquisa que lhe é apresentada. No entanto, Tafuri sugere que o historiador pode avançar no sentido de assegurar ao leitor que, em última instância, o conhecimento histórico é inútil ao presente. Ele não soluciona problemas e não aponta o caminho a seguir. Onde a questão da ética: Tafuri

14. Tafuri, M. *Venezia e il rinascimento. Religione, scienza, architettura*. Turim: Einaudi, 1985; Tafuri, M., E. Gombrich, et al. *Giulio Romano, Architetto*. Milão: Electa, 1989; Tafuri, M. *Progetto e utopia. Architettura e sviluppo capitalistico*. Bari: Laterza, 1973. Tafuri M.e F. Dal Co, *Architettura contemporanea*. Milão: Electa, 1976.

15. Tafuri, M. *Ricerca del rinascimento. Principi, città, architettura*. Turim: Einaudi, 1992.

16. Borsi, F. *Leon Battista Alberti: L'opera completa*. Milão: Electa, 1973. Tafuri, M. 'Discordant Harmony from Alberti to Zuccari'. *Architectural Design*, 49, pp.5-6, 1979, pp. 36-44.

assume que, para o historiador, em última instância, a operatividade induz ao erro. Ainda assim, uma questão se coloca: qual o grau com que aquele que se preocupa com a criticalidade e com um projeto crítico pode fazer o conhecimento 'retornar' ao presente sem torná-lo operante do ponto de vista de suas justificativas históricas? As trocas em andamento entre os escritos e seminários de Tafuri, que levantam explicitamente o problema da historiografia, e seus textos e aulas que documentam a sua pesquisa histórica deixam claramente esse dilema ético-peculiar em aberto.¹⁷

Tais questões ressoam a presente mobilidade conceitual da crítica. Em que grau a teorização e reflexão atuais sobre a crítica e a criticalidade na cultura arquitetônica contemporânea dão sustentação à emergência da crítica como 'nova teoria', este novo horizonte para os que se aproximam do modelo tafuriano de prática crítico-histórica, ainda que não de sua linguagem ou de suas temáticas? O que explica o significativo interesse atual no legado de Tafuri? A ênfase presente em sua tentativa de fundar uma história autônoma parece sustentar o transplante da teoria, como forma escrita de análise, em historiografia crítica (ou teoricamente astuta). Podemos entender a disponibilidade de Tafuri à escrita teórica em arquitetura sem procurar em sua obra pistas que informem formas específicas de produção arquitetônica. Há vários casos em que seu 'fantasma' conduz a argumentos discrepantes em relação à complexidade de sua obra. Tal fenômeno evidentemente pertence à própria noção de 'legado' e não requer nem o consentimento de Tafuri, nem o consenso. No entanto, o aprendizado com Tafuri envolve até mesmo a destruição dos mitos que cercam o seu nome. Foi isso o que, desafiando as tendências que seu mito parece endossar na organização do saber arquitetônico, Mark Wigley observou: "ele

certamente teria odiado".¹⁸ O resultado pode parecer estranho à primeira geração de leitores de Tafuri, assim como aqueles que o convocaram a fins externos à teoria contemporânea da arquitetura. A clareza das posições estabelecidas em *Teorie e storia* jamais foi tão diminuída como no momento presente. Qual é hoje a função dos críticos e historiadores? Quais os limites da operatividade? Tais questões sobreviverão ao bombardeio da pós-criticalidade e continuarão a retornar enquanto a arquitetura for um objeto de trabalho intelectual e os seus praticantes olharem para o futuro.

BIBLIOGRAFIA

- BELLORI, G. P. *Le Vite de' pittori, scultori et architetti moderni*. Bolonha: Forni, 1672; 1977.
- BORSI, F. (ed.). *Leon Battista Alberti: L'opera completa*. Milão: Electa, 1973.
- Ciucci, G., F. Dal Co, M. Manieri-Elia e M. Tafuri. *La città americana dalla guerra civile al New Deal*. Bari: Laterza, 1973.
- GIEDION, S. *Space, Time and Architecture: The Growth of a New Tradition*. Cambridge: Harvard University, 1941.
- GROYS, B. *The Loneliness of the Project/De eenzaamheid van het project*. Antuerpia: MuKHA, 2002.
- MACARTHUR, J. e N. Stead. 'The Judge is Not an Operator: Historiography, Criticality and Architectural Criticism'. *Oase*, 69:2006, 116-39.
- Luca, M. (ed.). *La critica operativa e l'architettura*. Milão: Unicopli, 2002.
- Portoghesi, P. e B. Zevi (eds.). (1964) *Michelangelo architetto*. Turim: Einaudi.
- SHERER, D. 'Un colloquio "inquietante": Manfredo Tafuri e la critica operativa, 1968-1980', in M. Luca (ed.), *La critica operativa e l'architettura*. Milão: Unicopli, 2002.
- TAFURI, M. *L'architettura dell'umanesimo*. Bari: Laterza, 1969.
- _____. 'Discordant harmony from Alberti to Zuccari'. *Architectural Design*, 49, 1979, 5-6: 36-44.
- _____. 'Per una critica dell'ideologia architettonica'. *Contropiano* 1, 1969: 31-79.
- _____. *Progetto e utopia. Architettura e sviluppo capitalistico*. Bari: Laterza, 1973.
- _____. *Ricerca del rinascimento. Principi, città, architettura*. Turim: Einaudi, 1992.
- _____. *Storia dell'architettura italiana 1944-1985*. Turim: Einaudi, 1986.
- _____. Eds. rev. 1970, 1973, 1976, 1980. *Teorie e storia dell'architettura*. Bari: Laterza, 1968.
- Wigley, M. 'Post-Operative History'. *Architecture New York* 25-26, 1999, p. 53.
- _____. *Venezia e il rinascimento. Religione, scienza, architettura*. Turim: Einaudi, 1985.
- TAFURI, M. and DAL CO, F. *Architettura contemporanea*. Milão: Electa, 1976.
- TAFURI, M.; GOMBRICH, E. et al. *Giulio Romano. Architetto*, Milão: Electa, 1989.
- TAFURI, M.; PICCINATO and QUILICI, V. 'La città territorio. Verso una nuova dimensione', *Casabella-continuità*, 1962, 270: 16-25.
- WIGLEY, M. 'Post-Operative History', *Architecture New York*, 1999, 25-26: 47-53.

17. Considere-se, por exemplo, a história e as problemáticas reunidas em *Venezia e il rinascimento*, ou, entre as suas aulas sobre Francesco Borromini (1978-79), que tratam da construção do sujeito barroco a partir de Walter Benjamin, em paralelo à apresentação de sua pesquisa das obras de Borromini no Archivio di Stato. Ao longo da obra de Tafuri, considerem-se também as variações que se desenvolvem a partir das trocas dialéticas entre, de um lado, a teoria da história e a historiografia, e, de outro, a pesquisa e o conhecimento histórico. A trajetória de *L'Architettura dell'umanesimo* (uma imagem da história) até *Ricerca del rinascimento* (uma impressão do problema de se fazer história a partir da pesquisa) é exemplar dessa tensão e não deve ser apenas vista como um amadurecimento de suas ideias ou arrefecimento de seu acento polêmico.

18. M. Wigley, 'Post-Operative History', *Architecture New York* 25-26, 1999, p. 53.